

Identidade e pertencimento nas memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação da UFS

Joaquim Tavares da Conceição¹
Risia Rodrigues Silva Monteiro²
Anne Emílie Souza de Almeida Cabral³
Rafaela Cravo de Melo⁴

Resumo

Este artigo aborda percepções de estudantes egressos do Colégio de Aplicação da UFS, no período entre o final dos anos 70 até o decorrer dos anos 80 do século XX – a respeito dos espaços, acontecimentos e sujeitos da cultura do colégio. Foram utilizados relatos orais coletados em entrevistas, como fonte principal, além de documentação escrita e visual do acervo do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS. A compreensão levou em consideração, entre outros aspectos, elementos constitutivos da memória – acontecimentos, personagens e lugares (Pollak, 1989, 1992). Sobressaem como pontos de referências nas memórias dos estudantes marcas da vivência no campus universitário e seus monumentos, as relações de amizades, a interiorização de ensinamentos dos professores e o sentimento de pertencimento ao Colégio de Aplicação.

Palavras-chave: Colégio de Aplicação, Estudantes egressos, Memória.

- 1 Doutor em História (UFBA). Professor da Universidade Federal de Sergipe. Colégio de Aplicação. PPGED. ProfHistória. Líder do grupo de pesquisa História da Educação: Memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas (Gephed/Cnpq/UFS). E-mail: joaquimcodapufs@gmail.com
- 2 Mestre em Educação (PPGED/UFS). Doutoranda em Educação (PPGED/UFS). Bolsista doutorado Capes. Membro do Gephed/Cnpq/UFS.
- 3 Mestre em Educação (PPGED/UFS). Doutoranda em Educação (PPGED/UFS). Professora da rede Municipal de Aracaju. Desenvolve pesquisa no Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação (Cemdap). Membro do Gephed/Cnpq/UFS.
- 4 Graduada em História (UFS). Bolsista de iniciação científica (Pibic/CNPq/UFS). Desenvolve atividades de pesquisa no Cemdap. Membro do Gephed/Cnpq/UFS.



Identity and belonging in the memories of former students of Colégio de Aplicação of UFS

Identidad y pertenencia en la memoria de los ex alumnos del Colégio de Aplicação de la UFS

157



Abstract

This paper is about the perceptions of former students of Colégio de Aplicação of UFS, between the late 70's until the 80's of the 20th Century – regarding the places, events and characters of the school's culture. Oral reports collected in interviews were used as main source, besides of written and visual documents of the collection of Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. The understanding took into account, among other aspects, constitutive elements of the memory – events, characters and places (Pollack, 1989, 1992). The main reference points in the students memories are life experience marks and monuments at the university campus, friendship relations, lessons internalization and the feeling of belonging to the Colégio de Aplicação.

Keywords: Colégio de Aplicação, Former students, Memory.

Resumen

Este artículo aborda percepciones de ex alumnos del Colégio de Aplicação de la UFS, en el periodo entre el final de los años 70 hasta los años 80 del siglo XX – acerca de los espacios, acontecimiento y sujetos de la cultura del colegio. Se utilizaron relatos orales colectados en entrevistas, como fuente principal, además de documentación escrita y visual del acervo del Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. La comprensión ha considerado, entre otros aspectos, elementos constitutivos de la memoria – acontecimientos, personajes y lugares (Pollak, 1989, 1992). Se sobresalen como puntos de referencia en las memorias de los estudiantes marcas de vivencia en el campus universitario y sus monumentos, las relaciones de amistad, la interiorización de las enseñanzas de los profesores y el sentimiento de pertenencia al Colégio de Aplicação.

Palavras-clave: Colégio de Aplicação, Ex alumnos, Memoria.

Introdução

Este artigo versa sobre percepções de estudantes egressos do Colégio de Aplicação⁵ da Universidade Federal de Sergipe – do final dos anos 70 até o decorrer dos anos 80 do século XX – a respeito dos espaços, acontecimentos e sujeitos da cultura do colégio. Para isso, foram utilizadas entrevistas como fonte principal, além de documentação escrita e visual coletadas no acervo do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação (Cemdap)⁶ e referências a respeito da história do colégio ou de temas relacionados com as questões tratadas no artigo.

As entrevistas foram produtos resultantes da execução do projeto “Percepções da realidade: memórias de estudantes egressos do Colégio de aplicação (1960-1995)”⁷. Esse projeto teve como objetivo a produção de fontes orais para compor o “banco de histórias” do Cemdap; em formato audiovisual, através da coleta de memórias estudantes egressos com a finalidade de preservar a memória institucional e produzir novas compreensões acerca das configurações do colégio (CONCEIÇÃO, 2018; CONCEIÇÃO; MONTEIRO; MELO, 2018).

O quadro em sequência apresenta a relação de entrevistas utilizadas na escrita deste artigo.



- 5 O Colégio de Aplicação originou-se em 1959, com a fundação do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Em 1968, com a fundação da Universidade Federal de Sergipe, a Faculdade de Filosofia e o Colégio de Aplicação, foram incorporados a Fundação Universidade Federal de Sergipe (Brasil, 1967). Para mais informações, consulte: <http://codap.ufs.br/pagina/21385-historico-do-colegio>.
- 6 Como resultados de atividades desenvolvidas em projetos de pesquisa que tiveram como objetivo a produção de um acervo de documentos produzidos nos anos de existência do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (2013-2016), no ano de 2016 foi fundado o Centro de Pesquisa, Documentação e Memória, que se encontra instalado na ala B, do prédio do Colégio de Aplicação, no Campus Universitário de São Cristóvão, da UFS. Outras informações, consulte: (CONCEIÇÃO; NOGUEIRA, 2018) e <http://codap.ufs.br/pagina/21638-apresentacao>.
- 7 O projeto tem como objetivo a produção fontes orais para o Centro de Pesquisa Documentação e Memória do Colégio de Aplicação por meio da narrativa de estudantes egressos. Foi executado nos anos de 2018 e 2019, por uma equipe coordenada pelo Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição e formada por estudantes de iniciação científica (Pibic/CNPq/UFS) e por doutorandos, mestrandos e graduandos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas (GEPHED/CNPq/UFS). Também contou com o apoio do Núcleo de Editoração e Audiovisual (NEAV/UFS) e do Departamento de Comunicação Social (CONCEIÇÃO, 2018).

Quadro 1: Relação de entrevistas utilizadas

Nº	Nome do estudante	Período que estudou no Codap
01	Alexandre Belém de Carvalho Teles	1981-1988
02	Ana Valéria Mendonça	1981-1987
03	Carlos Wagner de Oliveira Santos	1980-1987
04	César Henriques Matos e Silva	1978-1984
05	Francisco Igor de Oliveira Mangueira	1984-1987
06	Giovana Monteiro Melo Oliveira	1981-1984
07	João Bosco Silva Rocha	1981-1986
08	José Adailton Barroso da Silva	1979-1984
09	José Ricardo Menezes Oliveira	1981-1985
10	Lijane Dayse de Oliveira Santos	1981-1985
11	Maria Cecília Mendonça de Araújo Alves	1981-1985
12	Martha Suzana Cabral Nunes	1982-1988
13	Olavo Pinto Lima	1981-1987
14	Patrícia Andréa Cáceres da Silva	1981-1983
15	Paulo de Souza Rabelo	1978-1984
16	Rosemary Mesquita Ludovice	1982-1987
17	Rosenilza Melo Freitas	1978-1984
18	Saulo Coelho Nunes	1985-1988

Fonte: Quadro elaborado pelos autores. Entrevistas do Acervo do Cemdap.

Dos 18 entrevistados, 11 ingressaram no Colégio de Aplicação através de prova de seleção; seis por sistema de cotas, que permitia o ingresso de filhos de servidores da UFS; e um por sorteio. A maior parte dos estudantes entrevistados ingressou no Colégio de Aplicação na 5ª série do antigo 1º grau (BRASIL, 1971), entre 10 e 11 anos de idade. O estudante Saulo Coelho Nunes, que ingressou através de seleção por prova, lembrou: “Era uma prova multidisciplinar [...] uma concorrência bastante acirrada e era, [...] português, matemática, estudos sociais, de ciências [...] não me recorde se tinha uma redação [eu] era muito novo, não tinha nem 11 anos completos[...]” (NUNES, 2018b).

Estar na lista dos aprovados para ingressar no Colégio de Aplicação era motivo de orgulho, como lembra o estudante João Bosco Silva Rocha:

[...] a sensação de ver o nome na lista para gente era um sinal de vitória, sabe? Parecia que nós tínhamos conquistado o mundo [...] E os nossos pais achavam que eles tinham ganhado um prêmio na loteria, porque os filhos deles estavam estudando no Colégio de Aplicação e eram estudantes da Universidade Federal de Sergipe (ROCHA, 2018).



Na época do Ginásio de Aplicação (1959-1968), o perfil socioeconômico dos estudantes era formado, majoritariamente, por filhos de famílias de estratos econômicos médios ou ricos; residentes em bairros onde se concentravam populações de maior poder aquisitivo, e provenientes de escolas privadas (SANTOS, 2019c). Nos anos 80 do século XX, esse perfil sofre alterações com o ingresso de estudantes de escolas públicas, residentes em diferentes bairros de Aracaju. A esse respeito, é ilustrativo o relato do estudante Carlos Wagner de Oliveira (2018): “[...] era variado, tinha gente pobre e gente rica, com família tradicional [...] gente de toda a classe social” (OLIVEIRA, 2018). Percepção semelhante apresenta a estudante Rosenilza Melo Freitas (2018):

[...] era muito interessante, porque a gente tinha contato com meninos, assim, neto de ex-governador e gente muito rica que a gente chegava na casa e o chão era de sinteco, e a gente tirava o sapato para não arranhar o piso, não é? [...] e tinha também colegas bem pobrezinhos [...] então era bem eclética a turma (FREITAS, 2018).

Segundo os entrevistados, as diferenças econômicas e sociais não atrapalhavam o convívio entre os colegas: “[...] a gente não se prendia na verdade em relação a isso. [...] A gente fazia amizade, muita amizade. Então, independente de ser pobre, rico ou classe média [...], a gente não prestava muita atenção em relação a isso (SANTOS, 2018b).

Na interpretação dos relatos de memórias dos estudantes egressos, focou-se nos três elementos constitutivos da memória – acontecimentos, personagens e lugares –, como evidenciado por Michael Pollak (1992). Além de atentar-se para elementos característicos da memória, segundo esse autor, ou seja: a memória como um fenômeno seletivo, construído e “[...] constituinte do sentimento de identidades [...]” (p. 5) individual e coletiva. Sem olvidar das disputas, dos processos de flutuações da memória – em “função do momento em que ela é articulada” – e a hierarquização dos elementos constitutivos dela (POLLAK, 1992).

Ao fazer uso de fontes orais, considerou-se que “[...] toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta” (THOMPSON, 1992, p. 197). As incertezas e contradições de um entrevistado podem se manifestar em vários momentos, mas não são os relatos cheios certezas e datas que garantem a “veracidade” da história, pois a narrativa inexata “[...] não invalida o testemunho, diferentemente da mentira, muitas vezes exata e detalhista” (BOSI, 2003, p. 63).



Uma escola sem muros

Desde a sua fundação em 1959, o Colégio de Aplicação funcionou na cidade de Aracaju, instalado no prédio da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe juntamente com cursos superiores oferecidos pela faculdade. Em 1968, com a criação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), a Faculdade de Filosofia e o Colégio de Aplicação, que dela era parte integrante, foram incorporados a Fundação Universidade Federal de Sergipe (BRASIL, 1967) e continuaram instalados nesse mesmo prédio. Na sequência, a imagem apresenta aspecto do antigo prédio onde funcionava a faculdade e o colégio.

Figura 1: Prédio da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Primeira sede do Colégio de Aplicação – Aspecto da entrada principal, década de 70 do século XX.

161



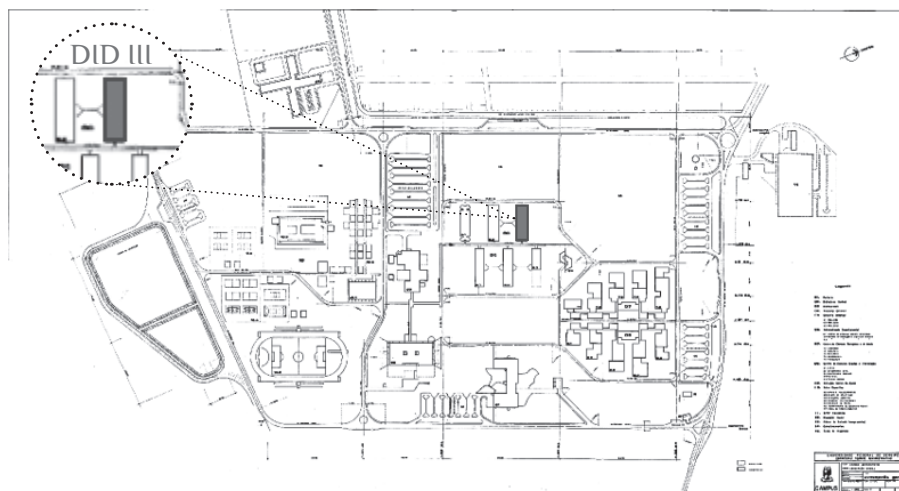
Fonte: SOUZA, 2015. p. 56. Autoria: desconhecida.

Em 1981, com a inauguração do Campus Universitário, no município de São Cristóvão, limitrofe à capital Aracaju, as principais unidades da UFS e o Colégio de Aplicação foram transferidos para o novo local. Para os estudantes que vivenciaram essa transferência, a mudança do lugar do colégio causou apreensão; afinal, o antigo endereço, na capital sergipana, estava próximo da residência de muitos deles, do centro comercial, de praças e de outros estabelecimentos de ensino da capital. Findavam as idas e vindas a pé para suas casas, os passeios ao centro da cidade que alguns costumavam fazer nas escapadas acompanhados dos colegas. Contudo, a mudança trouxe também outros atrativos, como ressalta César Henrique Matos e Silva (2018):

[...] vivíamos toda a efervescência cultural/política da universidade, [...] se lá [na sede em Aracaju] eu já estranhava os portões abertos, no campus universitário eu estranhava a liberdade de estar na Didática III misturado [...] a mudança para o campus universitário possibilitou um ganho, acho que assim, pode-se dizer, um aprendizado enquanto cultura, enquanto intelectual, enquanto espaço de vivência mesmo, de condição de vida, acho que isso aqui deu pra gente (SILVA, 2018a).

No Campus Universitário, o Colégio de Aplicação ocupava todo o pavimento superior do prédio denominado de Didática III. A figura em sequência apresenta a planta do campus da Universidade Federal de Sergipe, onde é possível identificar a localização do Colégio de Aplicação.

Figura 2: Planta do Campus da Universidade Federal de Sergipe (1980)



Fonte: Acervo da Diretoria de projetos e estruturas físicas da UFS (DOFIS).

Além do prédio da Didática III, os estudantes circulavam por todo o campus universitário, seja para realizações de atividades pedagógicas ou por iniciativa própria a fim de explorar e procurar distrações ou divertimentos no amplo espaço do campus. Quando não estavam em sala de aula, o Restaurante Universitário, a Biblioteca Central, o Centro Esportivo, as áreas verdes, eram os locais habituais de circulação deles e pontos de referência nas memórias.

Nas recordações dos estudantes da década de 80 do século XX, o lugar do colégio era um “mundo novo”, representado por eles como um espaço de liberdade, de contato com a natureza e de convivência com estudantes universitários.

[...] era tudo muito grande [...] não estávamos acostumados a ficar numa escola que tivesse tanto espaço [...] A gente sabia que a nossa escola era na Didática III, na parte de cima, mas na verdade a gente adotou toda a universidade como nos-

sa escola, então a gente corria muito isso aqui [...] A gente se divertia muito, tinha o horário de estudar; não estava em aula: a gente tinha a parte da diversão que a gente descia pra brincar [...] tinha muitas árvores e muitos bancos [...] a gente adorava passar o dia inteiro aqui [...]. Às vezes, a gente ia de manhã e só voltava no final da tarde pra casa. Então tinha o almoço no restaurante, tinha a biblioteca que a gente muitas vezes fazia pesquisa [...] a gente batia a universidade inteira (SANTOS, 2018b).

[...] o colégio era interessante porque eu estava na UFS, não estava num colégio normal [...] o colégio não tinha a estrutura de penitenciária ou de convento, ele é aberto, a gente toma um susto, é uma liberdade, essa liberdade era expressada de seguinte forma: a gente pode... a gente ia (MANGUEIRA, 2018).



Some-se a tudo isso a distância de casa e as agitações do movimento estudantil⁸ e atividades culturais que fizeram parte da cultura do campus da UFS na década da redemocratização do Brasil. Essas configurações da cultura e do lugar da escola são rememoradas pelos estudantes como aspectos que contribuíram para promover o amadurecimento, a autonomia deles. De fato, como ensina Austin Escolano, é preciso compreender o lugar e o espaço escolar como um elemento formativo:

A localização da escola é por si mesma uma variável decisiva do programa cultural e pedagógico comportado pelo espaço e pela arquitetura escolares. A proximidade à natureza à vida postulada pelos institucionalistas favorece, entre outras ações e estímulos, o jogo em liberdade, o ensino ativo, a utilização didática do entorno, a contemplação natural e estética da paisagem, a expansão do espírito e dos sentimentos, o desenvolvimento moral (ESCOLANO, 2001, p. 32).

Com o colégio a 21 quilômetros de distância do centro da capital, o transporte coletivo passou a fazer parte do cotidiano dos estudantes. A sensação de observar a cidade pela janela do ônibus, de encontrar com os colegas ao longo do percurso, da camaradagem dos cobradores e, principalmente, da liberdade de ir e vir, também são recordados como aspectos que contribuíram para amadurecimento deles:

8 Como ressalta José Vieira da Cruz, estudioso do movimento estudantil: “E ainda, nos corredores do campus da Universidade Federal de Sergipe, já no atual campus universitário, situado na cidade de São Cristóvão, a partir dos anos 70, pelos novos espaços de socialização cultural como o Clube da Sexta, no Centro de Cultura e Arte, no hall do Restaurante Universitário, e nos festivais de arte e cultura fomentados pelas “políticas culturais” dos governos militares. Nesta fase os estudantes universitários parecem ter mantido acesa a participação da sociedade em torno de temas internacionais como as questões da Nicarágua, El Salvador e do Chile; e de temas nacionais como a defesa da Amazônia, das liberdades fundamentais, da luta pela anistia, contra a elevação do custo de vida, pela Reforma Universitária, pela exploração do petróleo brasileiro e pela redemocratização do país” (CRUZ, 2009, p. 6).

[...] eu só tinha dez anos [...] fui aprovado não sei a colocação, só sei que minha mãe me deu a notícia: ‘olhe, você vai estudar em uma escola longe!’” (LIMA, 2018).

[...] eu nunca tinha andado de ônibus com 11 anos, né? 12 anos mais ou menos. Então, minha mãe, acho que durante uma semana... 10 dias não sei, ela me levava, ia comigo. Depois, acho que ela me esperava na volta [...], a gente agitava bastante dentro do ônibus, às vezes passava por baixo [da catraca] porque era pequena [...] a gente já ficava amiga do cobrador, [o ônibus ia] cheio de aluno (SILVA, 2018c).

[...] [eu] pegava ônibus lá do bairro Cirurgia para Universidade sozinho ou como um, dois, três colegas, tudo da mesma idade, para vir para o colégio em outro município, né? Tecnicamente falando isso já gerava um senso de autonomia e independência muito grande (NUNES, 2018b).

[...] no Salesiano eu ia a pé e o Colégio de Aplicação a gente já pegava o ônibus na rodoviária, já tinham ‘Campus via Barão de Maruim’, ‘Campus via Contorno’ então... e a cidade começava a surgir para mim (OLIVEIRA, 2018b).

Para as idas e vindas ao campus universitário, além da utilização do transporte coletivo, os estudantes contavam também com a tradicional “carona amiga” oferecida por professores ou servidores da UFS,: “[...] era algo comum, existia um ponto de carona que ficava vizinho a Didática I; sempre tinha uma grande turma nesse ponto” (TELES, 2018).

As aulas ocorriam no período das 13h às 17h30, mas no período da manhã, em determinados dias da semana, havia aulas de educação física, estudos e/ou pesquisas na biblioteca e outras atividades. Por isso, era comum que os estudantes passassem o dia inteiro no campus.

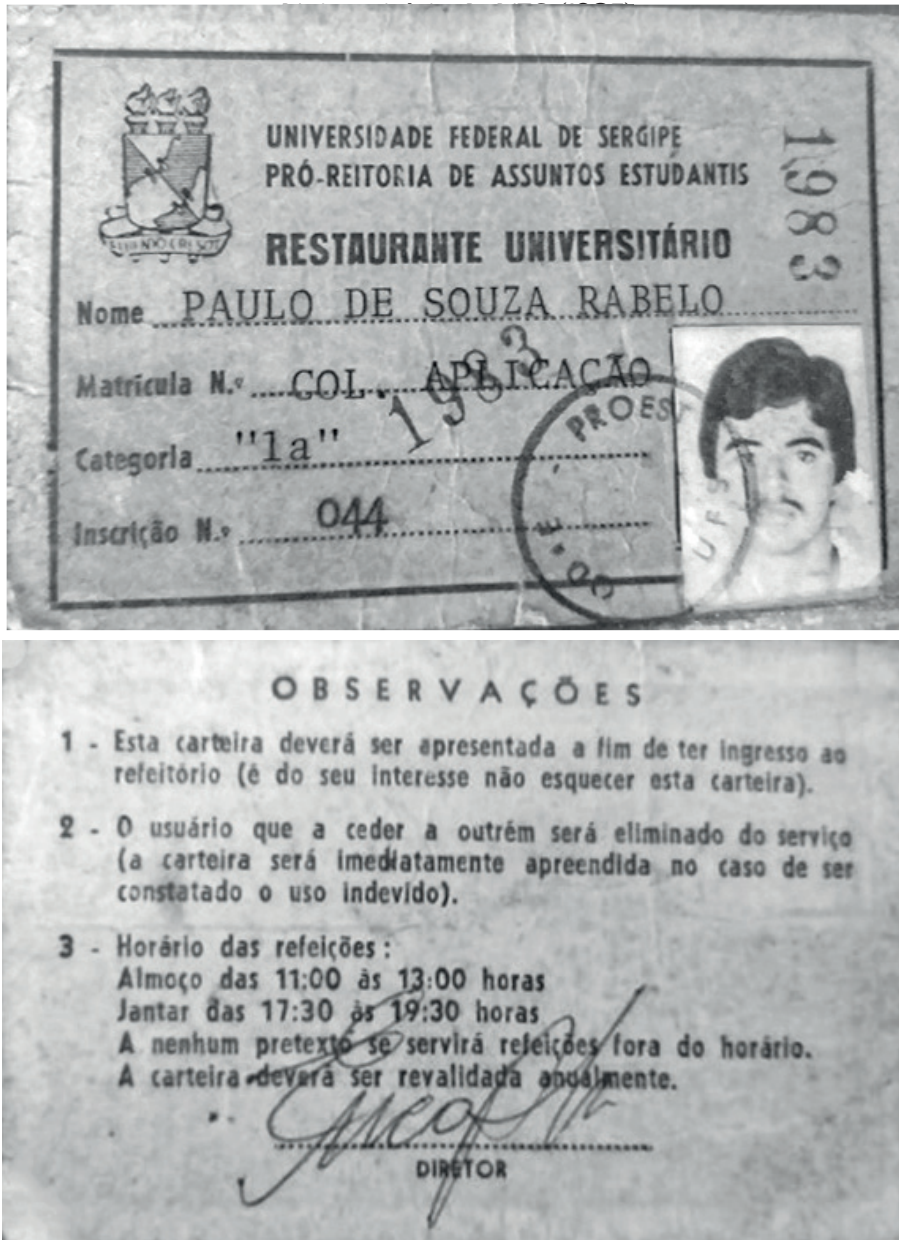
[...] a maioria ficava o dia, trocava de roupa, botava uma roupa normal, andava pelo campus solto e ia pra biblioteca, porque a gente tinha muita responsabilidade, e isso a gente tinha, não tinha ninguém dizendo a gente: ‘olhe, acabar a educação física, vá para a biblioteca estudar’, mas a gente acabava e ia pra a biblioteca estudar, depois [...] ia para o vestiário no setor esportivo. Tomava banho botava a farda e ia para o Resun, que na época era restaurante universitário, [...] fazíamos nossa bagunça de adolescente, barulho, mas almoçávamos... Depois íamos ficar embaixo das árvores do lado da Didática fazendo a digestão, esperando o horário da aula, que começava 13h (FREITAS, 2018).

Para o almoço no restaurante universitário os estudantes precisavam apresentar a carteira de identificação e fazer o pagamento de um valor módico para ter direito à refeição: “A única coisa que a gente pagava aqui



era o Resun [...] naquela época era dividido por categoria. Então, era conforme a situação social da pessoa, tinha primeira; segunda e terceira categorias: um real, dois reais, três reais que seria os valores de hoje, não é?" (RABELO, 2018).

Figura 3: Frente e verso da carteira para utilização do Restaurante



Fonte: Acervo de Paulo de Souza Rabelo.

Mestres de outrora...

A fisionomia, a personalidade, as práticas de ensino, a gestão da sala de aula de professores e professoras são aspectos rememorados pelos estudantes. O temperamento firme da diretora Lara Mendes Freire; a rigidez do professor José Carlos de Azevedo (“professor Laranjeiras”); a ênfase do professor José Cláudio Barreto Sobral na formação crítica dos estudantes; o perfil poético da professora Maria Lígia Madureira Pina; a elegante professora Maria da Conceição Ouro Reis; o sempre vigilante e conselheiro professor Manoel Messias Vasconcelos; entre outros professores e professoras, reverberam nas memórias dos egressos.

A professora Lara Mendes, diretora do colégio no período de 1980 a 1990, é lembrada pela maioria dos egressos como uma pessoa sensível, responsável, batalhadora e disciplinadora: “[...] ela sempre foi uma pessoa compreensiva, conversava muito, mas era rígida naqueles limites que eram impostos que a gente tinha que cumprir, porque senão, se ficasse muito aberto, a gente se dispersava da escola, né?” (SANTOS, 2018b). Partindo de um olhar do presente sobre o passado, percebe-se que os estudantes valorizam mais na professora Lara Mendes por características ligadas à competência e afetividade, e até justificam a postura rígida adotada pela diretora.

[...] o campus naquela época estava surgindo... conter a criançada aqui não era fácil, então todos estavam muito à vontade... subindo mangueira, descendo mangueira, então era tudo muito amplo e aberto e aí de vez em quando acontecia um problema e ela [a diretora Lara Mendes] tinha que controlar (NUNES, 2018a).

A professora Lara Mendes coordenou a mudança do colégio para o Campus Universitário, e, para muitos estudantes, ficou também a lembrança de uma diretora que procurou alternativas para o desenvolvimento do colégio na sua nova estrutura física. “[...] muito que os alunos têm hoje aqui foi fruto da briga dela e da sua busca constante de melhoria, então a gente veio pra cá [Cidade Universitária], a gente começou a ter o nosso próprio bloco [espaço da Didática III]. [ela] desenvolveu a instituição [...]”. (SANTOS, 2018a). As lembranças dos entrevistados sobre a professora Lara destacam também a sua sensibilidade. Relatou a aluna Rosemary Mesquita Ludovice: “[...] era uma professora rígida, mas com um coração de ouro. [...]” (LUDUVICE, 2018).

O professor de matemática, José Carlos Azevedo, conhecido como “Laranjeiras”, era na época o “terror” para muitos estudantes. Mesmo assim, muitos egressos do Colégio de Aplicação têm dele lembranças emotivas e compreendem que a rigidez disciplinar do professor era resultante do seu interesse na aprendizagem dos estudantes.



Eu lembro do professor Laranjeiras, morreu recentemente aí, tem alguns anos. [...] na época ele era bastante rígido e duro, e a gente tinha que ter o máximo respeito porque ele [...] cobrava bastante. Na época, a gente achava chato e tal, essa cobrança. Mas hoje eu vejo que era para o meu bem, hoje eu vejo que era pra... [choro] (SANTOS, 2018a)

Nós temos o professor antológico, [...] um indivíduo icônico que era o professor Laranjeiras, de matemática, um cara fenomenal... domínio de sala de aula e de ter, assim, o interessante que Laranjeiras se fazia respeitar, tínhamos aquele temor do Laranjeiras, mas sabendo de que ele era nosso amigo. [...] contava as histórias dele em sala de aula de uma forma fantástica, nós sabíamos ali... nós tínhamos a noção do que estávamos tendo uma aula de matemática no nível altíssimo, mas em um clima absolutamente natural, aprendíamos algo em nível alto sem ter aquele negócio de pressão de como hoje as escolas têm para ter o melhor desempenho [...] (OLIVEIRA, 2018b).

O professor Cláudio, que lecionava Geografia, é muito recordado como o mestre que contribuiu para a formação crítica dos estudantes. Em sala de aula, discorria sobre ética, desigualdades sociais no Brasil e no mundo e estimulava que os estudantes expressassem suas ideias de forma crítica. O país vivia o final da Ditadura Militar, mas ele não deixava de tratar de questões sensíveis para a época:

Eu lembro de uma coisa que me impressionou muito, quando eu fui na sala do professor Cláudio. Tinha um cartaz, era escrito numa folha de ofício, na época não tínhamos esses recursos de impressão e não existia uma datilografia com letras com fontes maiores, então foi escrito à mão e colocado em negrito com caneta preta mesmo. Tinha uma frase atrás do birô dele fixada com *durex* e dizia: **‘Sabeis soberanos e vassallos, próceres e mendigos: ninguém terá direito ao supérfluo enquanto alguém carecer do necessário.’** [...] ele falava de divisões do país Norte e Nordeste, da cultura de subsistência que imperava no Nordeste [...] e como havia exploração de minerais em outras regiões, e na nossa região ainda imperava a indústria da seca [...]. Então, eu acho que quem mais me influenciou nessa questão política sem dúvida foi o professor Cláudio (OLIVEIRA, 2018b). *Grifo nosso*

Sobre a postura do professor Cláudio, lembrou ainda o ex-aluno José Adailton Barroso da Silva, hoje também professor de geografia: [...] ele formou uma capacidade crítica, de visão de mundo, que a gente tem [...] acabou sendo, pra mim,... [a pessoa] que me deu um norte, me deu um rumo” (SILVA, 2018b). Nessa mesma perspectiva, são as percepções de Olavo Pinto Lima (2018)



[...] e muita gente, incluindo eu, atribuímos a esse professor a capacidade que ele passou pra gente de questionar as coisas, então o professor Cláudio era muito questionador, ele sempre colocava que a gente não podia aceitar as coisas facilmente, era uma época que estávamos saindo da ditadura (81/82) e ele sempre colocou esse viés. Apesar de ser professor de geografia, ele despertava o senso crítico da gente, né? Até a ironia sutil, mas inteligente (LIMA, 2018).

Alguns servidores também foram recordados. São mencionadas Maria Alene Oliveira (secretaria), Maria Bernarda dos Santos (auxiliar de secretaria), Maria Neri dos Santos e Maria Lúcia dos Santos. Maria Alene, é lembrada como a pessoa a quem os estudantes recorriam nos assuntos ligados a documentação, a notas. A funcionária que conhecia os estudantes pelos nomes e assumia muitas vezes “uma postura de mãe”. (NUNES, 2018b; LIMA, 2018; SILVA, 2018b; FREITAS, 2018).



Vitrines da escola: Jogos da Primavera e o desfile cívico de “7 de setembro”

Os Jogos da Primavera⁹ e o desfile cívico de “7 de setembro” foram cerimônias cívicas que marcaram a carreira estudantil dos entrevistados. Ao discorrer sobre a história dos jogos¹⁰ escolares em Sergipe, Hamilcar Silveira Dantas Júnior (2009) afirma que o evento passou por três etapas: a iniciação (1964-1967), o aperfeiçoamento (1970 -1978) e o treinamento ou esportivização da escola (1979-1995). Nessa última fase, os Jogos da Primavera em Sergipe atingem

[...] o ápice da institucionalização esportiva escolar, dado o apogeu da representatividade social dos jogos, sua garantia de empregabilidade e de ação pedagógica dos professores de educação física, além de grande vitrine publicitária das escolas particulares que vinculam as vitórias esportivas às vitórias na vida, culminando em seu súbito encerramento em 1995 (DANTAS JÚNIOR, 2009, p. 111).

Foi na terceira etapa dos Jogos da Primavera que parte dos entrevistados atuaram. Nos seus relatos, eles rememoram o evento como um acontecimento marcante: os treinamentos, os jogos, as vitórias e as modalidades esportivas de maior destaque no colégio. Nas aulas de Educação Física, os alunos tinham a oportunidade de conhecer e praticar diferentes modalidades esportivas.

9 O Colégio de Aplicação participou das edições dos Jogos Estudantis de Sergipe dos anos de 1970 a 1978 e dos Jogos da Primavera de Sergipe dos anos de 1979 a 1995, com exceção das edições de 1985, 1990 e 1991 (DANTAS JÚNIOR, 2009).

10 A respeito dos Jogos da Primavera em Sergipe, consultar a tese do autor (DANTAS JÚNIOR, 2008).

Todos os tipos de atividades físicas/modalidades, né? E era rotativo, né? A gente passava um tempo fazendo natação, outro tempo fazendo saltos ornamentais, outro tempo fazendo atletismo, outro tempo fazendo ginástica rítmica. Nenhum colégio faz isso não, nenhum. A gente aproveitava bastante, né? (SANTOS, 2018a).

Os Jogos da Primavera envolviam alunos de escolas públicas e particulares que se preparavam durante todo o ano para conquistar medalhas. No intuito de obter os melhores resultados nos Jogos da Primavera, algumas escolas particulares ofereciam bolsas de estudo para alunos que se destacavam em modalidades esportivas. O Colégio de Aplicação trabalhava com os talentos da casa. E, apesar das limitações em certas modalidades, o colégio obtinha vitórias importantes. No voleibol, por exemplo, José Ricardo Menezes de Oliveira, recorda:

169



O jogo que eu tenho até hoje, como se fosse agora [...] eu vi em 1980, não sei precisamente, mas quem dominava primeiro o esporte do Brasil era o vôlei¹¹, era uma época em que tínhamos o Atlanta Boa Vista, o Bernard com o saque 'Jornada das Estelas' era uma febre no país. No vôlei, nós tínhamos o domínio de duas escolas particulares: o Colégio Unificado, que concentrava os bons jogadores por causa das bolsas, e o Colégio Visão [...] o Colégio de Aplicação surgindo absolutamente do nada, do nada. Fomos naquele jogo esperando 3 a 0, todos [dizendo] 'tá perdido'. O Visão começou botando 1 a 0. Incrivelmente o Aplicação empatou 1 a 1; o Visão botou 2 a 1; o Aplicação foi lá e venceu o segundo, 2 a 2. No último set eu vejo ainda Adailton subindo, vejo na minha memória, como se estivesse agora, subindo para fechar o jogo: 15 a 0, o set era de 15 pontos, 15 a 0 na escola que era o domínio do vôlei na época [...] Adailton trabalha comigo na Universidade Tiradentes ele não sabe, mas eu olho para ele... eu o vejo como um desses deuses que a gente vê nas revistas históricas e mitológicas (OLIVEIRA, 2018b). *grifo nosso*

Como apresentado no relato anterior, a comemoração se dava não apenas pela vitória, mas pela superação. O jogo já era considerado perdido, no entanto, o Colégio de Aplicação surpreendeu a todos. A vitória, e principalmente o desempenho dos colegas, ficaram marcados na memória de José Ricardo. A figura em sequência ilustra a equipe campeã de vôlei do Colégio de Aplicação nos VIII Jogos da Primavera (1983), personagens da partida de superação. Na fotografia, podem ser identificados, da esquerda para a direita: Homero Alcântara Ribeiro (professor de Educação Física); atletas em pé: Adailton, Aderaldo, Fábio, Moacir; atletas sentados: Waldoilson, Antonio Pinto, Augusto, Paulo Kléber e Artur.

11 Na década de 1980 o vôlei no Brasil estava em ascensão e os jovens se inspiravam em jogadores que fizeram parte da Seleção de Prata com a qual o Brasil foi vice-campeão das Olimpíadas Para saber mais sobre o assunto, ver Marques Júnior (2012).

Figura 4 - Equipe de voleibol do Colégio de Aplicação. Categoria B. Campeã nos VIII Jogos da Primavera (1983)



Fonte: Acervo do Cemdap. Autoria: desconhecida.

Mesmo quem não participava diretamente das disputas se sentia vitorioso. Nas memórias dos entrevistados o orgulho pelo desempenho de atletas do Codap é recorrente: “[...] tinha o pessoal do judô [...] era muito bom, Durval, Aldeci, Ricardo... me lembro de muitos medalhistas na área de judô; o pessoal do vôlei também, o grupo de Adailton e Aderaldo era muito bom” (FREITAS, 2018).

O desfile anual de “7 de setembro” e de “abertura dos jogos da primavera” eram momentos festivos importante para a geração de estudantes do Colégio de Aplicação. Além de serem eventos valorizados pelas escolas, era prestigiado pela sociedade sergipana. Muitas pessoas iam para a Avenida Barão de Maruim, no centro de Aracaju, assistir aos desfiles e vibrar com os estudantes e esperar a passagem de sua escola favorita. A seguir, as figuras ilustram cenas das participações do Colégio de Aplicação no desfile de “7 de setembro” e na abertura dos Jogos da Primavera.



Figura 5: Desfile de “7 de Setembro”. Pelotão das bandeiras (Brasil / Sergipe). Farda de Gala. (1983)



Fonte: Acervo do Cemdap. Autoria: desconhecida.

Figura 6: Participação do Colégio de Aplicação no desfile de abertura dos VIII Jogos da Primavera (1983)



Fonte: Acervo do Cemdap. Autoria: desconhecida.

Nos desfiles de “abertura dos Jogos da Primavera” as escolas investiam nas produções e carros alegóricos, já o Colégio de Aplicação

[...] não tinha nenhuma alegoria. E aí eu não sei se foi a sacada da professora Iara Mendes que colocou a frase [...] quando a gente passava no palanque, eu nunca me esqueço disso: ‘**O Colégio de Aplicação não traz alegorias, traz a beleza primaveril dos seus alunos**’. Então, pra tirar a ideia da ausência de carros alegóricos [...], não tinha dinheiro para fazer isso, teve que passar com esse *slogan* na avenida. Então eu achava muito massa! Até hoje não esqueço dessa história[risos] (Silva, 2018b). *Grifo nosso*

Tocar um instrumento na banda do colégio era um privilégio. As roupas, as dispensas das aulas para os ensaios e a admiração do público no momento dos desfiles motivavam alunos (ROCHA, 2018). Os ensaios aconteciam no ginásio da universidade. Para reforçar a aprendizagem do manuseio dos instrumentos musicais, convidados externos integravam a banda.

Figura 7: Banda de música do Colégio de Aplicação. Desfile cívico “7 de setembro” (198?)



O legado do Codap na vida de estudantes egressos

É marcante na memória dos estudantes entrevistados uma base comum de recordações, ou seja, os ensinamentos recebidos dos professores, a construção de amizades, a liberdade e/ou autonomia, o incentivo ao exercício da criticidade, como elementos proporcionados na carreira estudantil no Colégio de Aplicação da UFS.

Para as famílias, matricular seus filhos no Colégio de Aplicação apresentava-se como uma estratégia educativa que garantiria uma instrução de boa qualidade e sucesso no ingresso na universidade. De fato, parte do sucesso auferido na formação superior e ocupação profissional, os estudantes egressos entrevistados creditam à qualidade do ensino oferecida pelo Colégio de Aplicação. Todos os entrevistados concluíram a formação superior, e alguns também realizaram cursos de pós-graduação de mestrado e doutorado. São hoje profissionais atuantes em diferentes atividades e espaços sociais: professores, advogados, enfermeiras, engenheiros, servidores públicos, jornalista, contabilista e empresária. As amizades construídas no campus continuam. Os encontros¹² dos dias atuais fortalecem os laços e lembranças da vida no “Aplicação”, as memórias contribuem para a coesão entre eles e o sentimento de pertencimento.

O Campus Universitário, seus monumentos arquitetônicos – prédios das didáticas, restaurante universitário, biblioteca –, paisagens e personagens povoam as lembranças dos estudantes e manifestam-se como um ponto de referência nas memórias (POLLAK, 1989) dos estudantes egressos. Afinal, esse foi lugar deles por sete anos da formação escolar.

Com o olhar de hoje, o passado foi pintado com alegria e cores vivas, principalmente quando os egressos rememoram sobre a vida no campus, as amizades e as aulas. O sentimento de reconhecimento, respeito e admiração pelos professores e outros funcionários prevaleceram nos relatos de todos. A memória dos estudantes transparece como constituinte do “sentimento de identidade” no sentido proposto por Michael Pollak (1992): “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (p. 5).

Muito ainda pode ser compreendido a respeito da cultura do colégio e de seus agentes da ação educativa. A documentação da escrituração escolar, da cultura material e o acervo audiovisual, custodiados e preservados no Cemdap, podem muito contribuir para a elucidação de novas questões e diferentes interpretações sobre a trajetória do Colégio de Aplicação e, por conseguinte, da Universidade Federal de Sergipe.

12 Os estudantes entrevistados participam de dois grupos de ex-alunos nas redes sociais virtuais e se reúnem presencialmente pelo menos uma vez por ano.



Fontes

-Documentos diversos

BRASIL. Decreto-lei nº 269, de 28 de fevereiro de 1967.

BRASIL. Lei nº 5.692/71 de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legislacao/publicacoes/republica>. Acesso em: 20/02/2020.

BRASIL. Universidade Federal de Sergipe. Planta do Campus da Universidade Federal de Sergipe. 1980. Meio eletrônico. Acervo da Diretoria de Projetos e Estruturas Físicas DOFIS-UFS.

BRASIL. Universidade Federal de Sergipe. Resolução nº 01/81/CONSU. Aprova o regimento do Colégio de Aplicação, 1981. Acervo do Cemdap. Pacotilha 25.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFS. Proposta de Correção de Enquadramento para professores de 1º e 2º graus. Acervo do Cemdap. Pacotilha 29.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFS. VIII Jogos da Primavera. Equipe de voleibol categoria B. Campeão em 1983. Quadro em fotografia. Acervo do Cemdap.

-Entrevistas

ALVES, Maria Cecília Mendonça de Araújo. Projeto “Percepções da realidade”. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018.

FREITAS, Rosenilza Melo. Projeto “Percepções da realidade”. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018.

LIMA, Olavo Pinto. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018.

LUDUVICE, Rosemary Mesquita. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018.

MANGUEIRA, Francisco Igor de Oliveira. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018.

MENDONÇA, Ana Valéria. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018.

NUNES, Martha Suzana Cabral. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018a.

NUNES, Saulo Coelho. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018b.

OLIVEIRA, Giovana Monteiro Melo. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018a.

OLIVEIRA, José Ricardo Menezes. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018b.

RABELO, Paulo de Souza. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018.

ROCHA, João Bosco Silva. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018.

SANTOS, Carlos Wagner de Oliveira. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018a.

SANTOS, Lijane Dayse de Oliveira. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018b.

SILVA, César Henrique de Matos. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018a.

SILVA, José Adailton Barroso da. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018b.

SILVA, Patrícia Andréa Cáceres. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018c.

TELES, Alexandre Belém Carvalho. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Cemdap. São Cristóvão/SE, 2018.

Referências

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. Ensaaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares; NOGUEIRA, Maria Magna Menezes Correia. Preservação e organização documental: O Centro de Pesquisa Documentação e Memória do Colégio de Aplicação – Cemdap (Dossiê “Os arquivos e a construção do conhecimento histórico”). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, v. 1, n. 48. p. 63-73, ago. 2018.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da; MONTEIRO, R. R. S. ; MELO, R. C. Produção de documentação oral e preservação da memória do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. **RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, v. 4, p. 379-395, 2018.

CONCEIÇÃO, Joaquim. “**Percepções da realidade**”. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). São Cristóvão: Projeto de Pesquisa. Pibic/CNPq/UFS. 2018.

CRUZ, José Vieira da. Memórias efervescentes: estudantes, artistas e os movimentos culturais em Sergipe em tempos de sombras. In: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 2009, Fortaleza. **Anais [...]** Fortaleza, 2009. Associação Nacional de História.



DANTAS JÚNIOR, Hamilcar Silveira. **Da “escolarização do esporte” à “esportivização da escola”**: tradição e espetáculo nos Jogos da Primavera de Sergipe (1964-1995). 2008. 333 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2008.

DANTAS JÚNIOR, Hamilcar Silveira. A esportivização da escola na sociedade do espetáculo: o caso dos jogos da primavera em Sergipe (1964-1995). **Revista HISTEDBR On-Line**, 9(35), 108-125. 2009. <https://doi.org/10.20396/rho.v9i35.8639617>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639617>. Acesso em 20/02/2020.

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade** - a arquitetura como programa. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. A formação do professor de História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: entre disciplina, docentes e conteúdos (1951-1962). São Cristóvão/SE: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2013.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

NUNES, Martha Suzana Cabral. **Colégio de Aplicação da UFS**. Memórias de um Ginásio de Ouro. São Cristóvão: UFS, 2012

SANTOS, Joelza de Oliveira. **Memórias de estudantes egressos do Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1960-1968)**. Dissertação. Mestrado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe. 2019c. 101p.

SOUZA, Eliana. **História e memória**. Universidade Federal de Sergipe (1968-2012). São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra, 1992.

